

# EDUCAÇÃO E LITERATURA\*

Celina Moreira de Mello

## RESUMO

O texto trata sobre os desdobramentos de função da literatura na educação situando-os no âmbito da psicanálise. Localiza conceitualmente educação, literatura e arte. Aborda a educação em sua perspectiva institucional - a escola. Propõe que se veja a escola em sua face generosa de veículo de educação, de transmissão e transferência.

## ABSTRACT

This essay attempts to discuss the Literature role in education under the psychoanalysis point of view. Conceptualizes education, literature and arts. Considers education in its institutional shape - the school - and suggests the school to be perceived in its generous face as a vehicle of education, teaching and learning.

I - Antes de apresentar alguns desdobramentos possíveis da função da Literatura na Educação, vistos pelo viés da Psicanálise, é necessário um exercício de localização conceitual, para que saibamos onde estão estes, os três campos em pauta - Educação, Literatura e Arte - e onde estamos, enquanto pesquisadores e educadores, nestes ou fora destes campos. O campo da Arte será tangenciado tanto pelo Literário quanto pelo Educacional, uma vez que se não leva à deriva só poderá direcionar, em função de afetos, para o amor, para o ódio, para a indiferença.

Definições de Literatura - campo que se recorta de modos diferentes conforme as épocas e as culturas. Cultura, tomado aqui, tanto em sentido amplo, quanto em sentido restrito, ou seja, aquilo que se deve saber para ser considerado culto e que, em nossa cultura, conforme o nível sócio-econômico a que pertence o alunado, confunde-se com cultura escolar ou saber devido à escolaridade. Se cultura é o que se aprende na escola, Literatura será, então, aquilo que aparece enquanto tal nas antologias escolares ou nos programas de aula de língua (e/ou literatura). Não haveria, pois, uma Literatura em si, em termos escolares, senão aquela que é ensinada na escola.

Um levantamento de hábitos de leitura de alunos do Curso de Letras, bacharelado de Português-francês da UFRJ, mostra que, de modo geral, os livros citados como tendo sido lidos recentemente integravam o programa do Curso. Por outro lado, estes programas veiculam um imaginário do que venha a ser Literatura, para cada época. Lembro que o conceito mesmo de Literatura data de 1830, até então falava-se de Belas Letras.

Exemplificando com a Literatura Francesa: em antologias escolares encontramos como exemplos deste campo, textos de Descartes na série Literatura francesa do século XVII, que integram para nós o paradigma Texto de Filosofia, ou textos de Buffon na série Literatura francesa do século XVIII, que localizaríamos como Texto de História Natural, textos de Rousseau atualmente encampados pela Pedagogia ou pela Antropologia, etc. Não afirmaria que, para o alunado, Literatura apareça, claramente, como um conjunto de constantes e variáveis, nem quais as variáveis que se encontram em jogo.

À medida que o campo das chamadas Ciências Sociais se especializa e se fortalece, o campo da Literatura parece diminuir seu potencial tipológico e aprofundar uma busca narcísica e autofágica das provas de sua existência. Literatura torna-se um campo cada vez mais restrito, ainda mais se considerarmos que marginaliza todo um setor ao acrescentar-lhe uma adjetivação, ao dizer Literatura de massa, ou seja, não-literatura, ou alguns ensaios desgarrados de seu campo próprio - textos críticos de Barthes, filosóficos de Derrida, históricos de Foucault, antropológicos de Lévi-Strauss, etc.

Tomemos o próprio Barthes que limita o literário ao escrever intransitivo (cf. Barthes, 1964) , ou seja, voltado exclusivamente para os avatares da escritura, libertando-se de funções milenares tais como narrar para entreter ou edificar, ou convencer; poetar para seduzir, eternizar, refletir; encenar tragédias, comédias ou dramas para celebrar possibilidades de comportamentos humanos e até mesmo “divinos”. Ao desvincular-se de qualquer figurativismo, a escritura passa a narrar, como afirma Ricardou “a aventura de uma escritura” e não mais “a escritura de uma aventura”. O que leva, a meu ver, a uma asfixia do campo.

Para um certo consenso geral contemporâneo, em grande parte tributário da Escola, Literário é identificado a poemas líricos, romances populares ou eruditos (*best sellers* ou prêmios Nobel), os “grandes textos” de teatro. Já aquilo que a Escola identifica como Literário resulta de negociações entre representações que os autores de antologias escolares, os responsáveis pelos programas escolares definem como tal e as expectativas dos alunos ou pais de alunos. De modo geral, resulta de uma tentativa de encontrar textos que “encarnem” estas representações e satisfaçam, a um só tempo, as principais exigências institucionais quais sejam:

- 1) possam ser identificados como um certo patrimônio cultural (cultural aí compreendendo o lingüístico e o linguagístico);
- 2) possam ser identificados como atuais (o que revela um traço romântico, qual seja o novo - o jovem - como valor e um traço comercial, dispor de um produto que agrade ao público consumidor);

Um levantamento do universo de textos presentes nas antologias e dos critérios que levam uma dada escola a optar por este ou aquele manual, ou a definir tais e quais leituras como devendo ser feitas pelos alunos, nos permitiria ter bastante claro um quadro das representações do que venha a ser Literatura, nas instituições que têm como função educar.

Assim, vejo-me obrigada a conceituar, muito rapidamente, aquilo que entendo ser Literatura, para que haja um mínimo de diálogo a respeito da representação de sua função na Educação.

Quando me refiro ao campo do Literário, peço que o compreendam como o campo que possibilita processos através dos quais, em um trabalho de linguagem, venham a ser criados novos sentidos. A obra de arte literária seria aquela em que há produção do Sentido e que é tornada modelo (cânone), passando a ser vista como um marco de um novo padrão estético.

Refiro-me, portanto, à *poiesis* atuando sobre a linguagem, em uma dada língua ou não-dada língua. Lembro a importância que assumiram os textos literários em línguas vernaculares, na Idade Média e no Renascimento europeu, para a formação das línguas nacionais tais como o francês, o espanhol, o português e o inglês, e mais tardiamente o italiano e o alemão.

Quanto à Educação, campo igualmente ou tão mais vasto do que o do Literário, por uma total impossibilidade de considerá-lo em sua amplitude, limitar-me-ei a vê-la em sua perspectiva institucional mais difundida em nossa cultura, que é a da Escola. Não somente por questões operacionais, mas também por ser, para nós brasileiros, um tópico de reflexão urgente. Entretanto, proponho que se veja, aqui, Escola, em sua face generosa de veículo de educação e não espaço carceral, de mera capacitação técnico-profissional.

A Escola é um lugar de transmissão e de transferência - e é claro, transferência de uma missão. Questões que serão retomadas mais adiante.

No que se refere às contribuições da Psicanálise para o processo educacional em ambiente escolar, é preciso destacar que, embora a Psicanálise não represente um saber recente - já tem um século de idade - não se trata de conhecimento incorporado à formação dos professores e utilizado em sala de aula.

É saber veicular, de domínio público, que somos desejantes, que nosso desejo inconsciente é incestuoso, que existe algo chamado *complexo de Édipo*, que todo ser normal é um neurótico mais ou menos conformado, que temos um inconsciente mais poderoso que a consciência, etc.

Na verdade, o que nos afirma a Psicanálise sobre o homem? Que nos movemos na sexualidade. Que nossa sexualidade é submetida não ao instinto, como a sexualidade dos animais, mas à Lei do interdito do incesto. Que esta sujeição tem um preço, pago em dor e desajustes, uma vez que cada

um tem que re-inventar um modo de viver seu sexo biológico e reproduzir-se embora *castrado*. A Escola, a meu ver, é um espaço de recalque da sexualidade, em sua estrutura, em seus programas, em seu funcionamento. Nos limites desta reflexão limitar-me-ei a considerar, aqui, alguns aportes deste saber para o ensino de Literatura.

II - A Literatura será vista pelo viés do campo de reflexão que nos é aberto pela Psicanálise e recorrendo à metalinguagem que esta nos oferece.

Já nos é possível reconstituir um certo percurso do campo interdisciplinar Psicanálise e Literatura.

Este campo é determinado pelo desejo e pode ser percorrido seguindo-se algumas direções principais, dadas pelo trabalho inaugural de Freud.

- 1) A Psicanálise constitui um aparelho de reflexão auxiliar sobre a recepção da obra de arte e, portanto, do texto literário, analisando o ponto de vista do leitor;
- 2) A Psicanálise constitui um instrumental de análise de textos literários que expõem funcionamentos do inconsciente: na interpretação de sonhos, na localização de comportamentos neuróticos de personagens;
- 3) A Psicanálise serve-se das relações entre obra e autor, para produzir biografias psicanalíticas, descrevendo o inconsciente do autor (do artista);
- 4) Há uma simbologia comum aos sonhos, às neuroses, às lendas, às tradições populares e às obras de arte que provêm, de acordo com Freud, da era arcaica da humanidade e/ou da infância do indivíduo. A Psicanálise explora a presença destes temas transculturais presentes nos textos literários;
- 5) A Psicanálise esclarece a importância da Linguagem para a constituição do Sujeito, cujo inconsciente é "estruturado como uma linguagem". Vertente aprofundada pela Psicanálise laciana e que diz respeito, diretamente, à produção de Sentidos. (cf. Bellemin-Noël, 1996).

Os universos criados pela figuratividade da Arte constituem representações da realidade. Delimitando a questão no que se refere à construção do espaço, vemos que a Arte oferece ao olhar *modos de ver* (cf. Berger, 1987). Ou suportes para a pulsão escópica. Considerando que a pulsão constitui uma carga energética que impulsiona o organismo em direção a algo, Freud a define como um conceito limite entre o psiquismo e o somático. (Freud, 1968:11). A pulsão sexual, por não ter um objeto biologicamente pré-determinado, fragmenta-se em diferentes objetos de satisfação ou *prazer de órgão*; a pulsão escópica prende-se, portanto ao gozo de olhar.

Cada época oferece ao olhar não somente diversos modos de ver, mas suportes para o desejo, atores diferentes para o actante objeto **a**.

O objeto **a** é um conceito construído por Jacques Lacan que se refere a um objeto que é simbolizado pela letra **a**, primeira letra da palavra **autre** (outro), e que designa nosso semelhante, nosso alter ego. O objeto **a** nomeia a dificuldade de responder à seguinte pergunta: Quem é o outro? Quem é esta imagem diante de mim? Quem é esta voz presente a mim? De acordo com Nasio (1993) o objeto **a** designa uma impossibilidade, "o furo opaco de nossa ignorância", "um ponto de resistência ao desenvolvimento teórico" (p. 95). O objeto **a** é dito objeto Causa do desejo e é com este que se desenvolve a relação analítica chamada de transferência.

A transferência é a relação que se constrói entre o analista, que vem ocupar o lugar do objeto **a**, e o analisando, e que se manifesta pela repetição. Para Nasio, "a transferência é a colocação em ato do inconsciente" (Nasio, 1987: 41). Para muitos, a transferência se confunde com os sentimentos amorosos do analisando pelo analista. Entretanto, de acordo com a teoria lacaniana do sujeito, a transferência, no processo da cura, é o movimento de balança imaginária, voltada para o ouvinte - o analista - que pressupõe que este ouvinte venha a encarnar o saber, uma ficção de saber, daquilo que constitui o indivíduo como Sujeito (sujeito-suposto-saber). Do Significante que o representa para os outros.

Localizo aqui o escritor, diante da tradição, e o leitor, diante do texto literário. O escritor, diante da tradição, ocupa o lugar de uma fala

desejante de outros textos literários que viriam ocupar o lugar do objeto **a**, ou seja, o lugar do analista, no discurso do analista, tal como é definido por Lacan (cf. Lacan, 1991). Os textos/as escrituras anteriores, com que se defronta cada autor, em seu ato de escrever, são aqui conceituados como ocupando o lugar e a função de objeto **a**, objeto Causa de desejo (*das Ding*), ensejando a tomada de palavra que faculta, na produção da Obra, a fundação de um novo campo significante, um novo Nome de Autor. Este, por sua vez, viria integrar a tradição literária, tornando-se um clássico, e passando a ocupar o lugar de objeto **a**, para seus leitores. A produção da Obra revela-se, assim, ser a construção de um Significante Novo, o Nome do Autor. Ou seja, uma nova versão do Pai, uma nova *Père-version*. (cf. Mello, 1997).

Estamos diante de um funcionamento desejante que situamos, a um só tempo, como sublimação e perversão.

O conceito freudiano de sublimação aponta para mecanismos de defesa psíquica, que facultam atenuar a excessiva energia das forças sexuais (cf. Freud, 1971), direcionadas, em um primeiro momento para o incesto, e que podem vir a encontrar satisfações substitutivas. Podemos ver a sublimação enquanto “capacidade plástica da pulsão” (Nasio, 1989, p. 77-78) e tal como a apresenta o axioma lacaniano: “a sublimação eleva o objeto à dignidade da Coisa” (*das Ding*) (Lacan, 1986). A respeito da sublimação, lemos em Freud que as emoções sexuais têm um papel importante para as criações da mente humana e para as realizações da cura, da arte e da vida social, uma vez que recalçadas, elas sofrem um processo de sublimação. Isto significa que elas são desviadas de suas metas sexuais e passam a orientar-se para metas socialmente aprovadas e que Freud chama de “superiores”.

Entretanto, para alguns teóricos este mecanismo deve ser caracterizado como perversão, uma vez que faculta transcender a castração e ocupar o lugar impossível que é o do Pai, ao constituir, como diz Lacan, uma *père-version* ou seja uma nova versão do Pai.

A Escola, ao oferecer o contato com os textos literários:

- 1) demonstra que há indivíduos que, ao sublimar, produzem o *belo*;

2) funciona como um *display*, um grande catálogo, de suportes passíveis de ocuparem o lugar de objeto a.

A Escola educa<sup>1</sup> (direciona), desta forma, as pulsões e cria possibilidades para que haja, tanto por parte do professor, quanto por parte do alunado (e também de sua família). a ocupação de um *lugar de fala*. Fala esta que produzirá o indivíduo.

## BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *Ecrivains et écrivants*. In: \_\_\_\_\_. **Essais critiques**. Paris: Seuil, 1964. p. 147-154.
- BELLEMIN-NOËL, Jean. *La psychanalyse du texte littéraire*; introduction aux lectures critiques inspirées de Freud. Paris: Nathan, 1996.
- BERGER, John & alii. **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. trad. Ana Maria Alves [1972].
- FREUD, Sigmund. *Pulsions et destins des pulsions*. In: \_\_\_\_\_. **Métapsychologie**. Paris: Gallimard, 1968. p. 11-44. [1915] A tradução é nossa.
- \_\_\_\_\_. **L'avenir d'une illusion**. Paris: PUF, 1971. [1920].
- LACAN, Jacques. **Le Séminaire de Jacques Lacan**. L'éthique de la psychanalyse. Paris: Seuil, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Le Séminaire de Jacques Lacan**. L'envers de la psychanalyse. Paris: Seuil, 1991. livre XVII.
- MELLO, Celina Maria Moreira de. **Relações entre a arte e a verdade. CERRADOS**. Revista do Curso de Pós-graduação em Literatura. Universidade de Brasília, n. 6, ano 6, 1997. p. 3-11.
- NASIO, Juan-David NASIO, Juan-David. **Nos limites da transferência**. Campinas: Papyrus, 1987 [s.d.].
- \_\_\_\_\_. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989 [1988].



\_\_\_\_\_ Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan. Rio de Janeiro:  
Zahar, 1993 [1992].

## NOTAS

- \* Comunicação apresentada por ocasião do Seminário Educação, Literatura e Arte, a 9 de maio de 1997, no PPGED/UFRN.
- <sup>1</sup> A Escola não é mais, em nossa cultura, fonte de informação e de conhecimento, logo evidencia-se que na Escola se trata de *educar*.